

## Aspectos de Mestiçagem Linguística e Cultural no Magrebe

Ana Cristina Tavares  
Professora na Universidade Lusófona

**Resumo:** Serão referidas as complexas relações linguísticas que se estabelecem, por um lado entre uma língua exógena — o francês — e as línguas árabe e berbere por outro, nos países do Magrebe. Apesar de reconhecermos a existência de uma identidade será feita uma distinção histórico-geográfica entre a Argélia, Marrocos e Tunísia relativamente aos aspectos linguísticos. Será brevemente explicado o nascimento e a pujança de uma literatura francófona como resultado da política de colonização levada a cabo e que explica certas diferenças nos três países.

**Résumé:** On abordera les complexes relations linguistiques qui s'établissent, d'un côté entre une langue exogène — le français — et les langues arabe et berbère de l'autre, dans les pays du Maghreb. Malgré l'existence d'une identité, on fera une distinction du point de vue historique et géographique parmi l'Algérie, le Maroc et la Tunisie en ce qui concerne les aspects linguistiques. On expliquera brièvement la naissance et la floraison d'une littérature francophone comme conséquence de la politique de colonisation entamée par la France et qui permet d'expliquer quelques différences dans les trois pays.

**Palavras-Chave:** Mestiçagem, literatura francófona, colonização

«Qui es-tu? D'où viens-tu? Pourquoi écris-tu? Pourquoi dans cette langue et pas dans l'Autre.

Quelle langue ? Ils ne savent pas que tu écris dans TA langue. Celle-là ou autre, c'est toujours ta patrie. Tu es la langue que tu utilises. Mais tu n'es point son esclave. Tu n'es point son objet, ni sa fin [...] La langue n'appartient à personne. Elle n'a pas de frontières. La langue appartient à celui qui s'en sert.»

ABDELHAC SERHANE, «L'Artisan du rêve», *Visions du Maghreb*.

A expansão colonial francesa, nos finais do século XIX, tinha como objetivos essenciais obter as matérias primas que o país não possuía, assegurar-lhe novos mercados, estabelecer um conjunto de bases navais no mundo inteiro que lhe garantissem o domínio dos principais itinerários essenciais ao restabelecimento do seu poder, após a derrota de 1870 contra a Prússia.

A África, o Médio Oriente, o Oceano Índico e o Extremo Oriente formavam um império de 10 milhões de Km<sup>2</sup> povoado por cerca de 50 milhões de pessoas. Com esse império, a França tornou-se na segunda potência colonial depois do Reino Unido. A França, tal como outros países colonizadores, defendia os seus interesses pretextando uma missão civilizadora, afirmando querer levar a todo o lado a sua língua, tradições, bandeira, as suas armas e o seu génio. Mas, a vontade de independência nas várias colónias, depois da Segunda Guerra Mundial, obriga a França a renunciar ao seu império, quer de maneira pacífica, quer com duas guerras (Indochina e Argélia) que dividiram profundamente os franceses.

A cooperação política e militar com as antigas colónias, a ajuda ao desenvolvimento, a organização da Francofonia constituem as novas formas de acção internacional da França. Com efeito, após a independência das colónias, pensava-se que a língua francesa, enquanto língua do colonizador, estaria condenada ao desaparecimento, ora é precisamente o oposto que se verifica.

Passemos então a definir brevemente o conceito de Francofonia que assume vários significados: o mais evidente é o seu sentido linguístico considerando-se que é francófono quem fala o francês. Mas nesse domínio linguístico é necessário distinguir quem utiliza o francês enquanto língua materna, como é o caso da França ou do Quebec; quem o utiliza como língua oficial como os Camarões; os casos em que é língua de escolarização como em Madagáscar ou na Costa do Marfim ou, finalmente, enquanto língua estrangeira privilegiada como em Marrocos ou na Tunísia.

Além desse sentido linguístico, a Francofonia assume um significado geográfico em que se incluem todos os povos e nações cuja língua materna, oficial, corrente ou administrativa é o francês. Um sentido espiritual está também subjacente a esse conceito, pois trata-se do sentimento de pertença a uma comunidade que partilha valores comuns como os da democracia, a promoção da diversidade linguístico-cultural, a tolerância e a fraternidade. Pode considerar-se que existe igualmente um significado institucional, pois a Francofonia constitui uma organização internacional que agrupa várias dezenas de Estados com as suas cimeiras e órgãos políticos.

Com efeito, o político e escritor senegalês Léopold Sedar Senghor, poetas como Aimé Césaire da Martinica ou Gontrand Damas da Guiana compreenderam que a colonização lhes deixara a língua francesa que constituía um instrumento precioso para se exprimirem a nível internacional. Outros escritores, das Antilhas ou do mundo árabe adoptam o francês como língua de expressão dos valores da negritude ou do arabismo. A língua francesa não é uma língua morta e não é propriedade exclusiva dos franceses. A própria França viu o interesse do reagrupamento francófono como modo de lutar contra o domínio de outros modelos linguístico-culturais de pretensão universal.

Depois deste preâmbulo passaremos a centrar-nos no nosso objecto específico de reflexão: as literaturas de expressão francesa nos países do Magrebe e a sua relação complexa com as culturas e línguas locais. O florescimento da literatura francófona constitui um fenómeno algo recente no mundo árabe. Faremos uma distinção geográfica e cronológica, pois apesar de vários aspectos unirem a Argélia, a Tunísia e Marrocos, não há uma uniformidade no mundo árabe visto que as culturas locais, nomeadamente a berbere, têm uma expressão diferente nos três países. Igualmente se torna necessário distinguir as primeiras gerações de escritores que viveram o período colonial e conheceram a guerra da independência como é o caso da Argélia, da geração seguinte que vive a independência, conhece a França e por vezes até aí publica ou reside.

O contacto de línguas, que os países do Magrebe conheceram na época moderna, originou certas formas de mestiçagem implicando, por um lado as línguas locais e suas variedades e, por outro lado, uma língua exógena como é o caso do francês. Fenómenos de plurilinguismo e de contactos linguísticos provocam necessariamente mestiçagens linguísticas e inscrevem-se numa história recíproca ou pelo menos cruzada de aculturação.

Nos estudos linguísticos constituem-se geralmente modelos binários, refere-se por exemplo o bilinguismo árabe-francês ou então árabe-berbere. Ora,

parece-nos que estas oposições, em termos binários, não permitem caracterizar a diversidade linguística do Magrebe, como teremos oportunidade de evidenciar. Assim, o berbere é uma língua afro-asiática de tradição oral e que tem várias formas dialectais. É falado na Argélia, Marrocos, Líbia e tem alguns focos na Tunísia, na Nigéria e no Mali. Existem cerca de 30 variedades dialectais e é falado por mais de 20 milhões de locutores. Possui ainda o seu sistema próprio de escrita e gramática. Tal como o árabe, o berbere retoma do francês várias expressões correntes e substantivos da actualidade.

A relação do francês com as línguas do mundo árabe é bastante complexa. A língua francesa foi introduzida com a colonização no século XIX e passou a ser a língua internacional em toda a bacia mediterrânica. Vários textos foram escritos em francês por autores magrebinos, egípcios ou libaneses entre outros, desde os anos 30. No entanto, o primeiro grande período de produção de literatura em língua francesa nos países do Magrebe situa-se nos anos 50-60, época da dilaceração e descolonização, vividas com mais intensidade na Argélia.

A riqueza da literatura magrebina de expressão francesa é, em certa medida, tributária da política colonial levada a cabo. Daí que na Argélia com o estatuto de colónia, em que a francização do ensino foi mais intensa e profunda, haja uma produção literária mais abundante em língua francesa quando a comparamos aos outros países do Magrebe. Na Tunísia e em Marrocos, enquanto protectorados, nascerá mais tarde uma literatura francófona ao lado de uma rica literatura em língua árabe. É na época pós-colonial, nos anos 70, que a literatura de expressão francesa se desenvolveu nesses dois países. Poucos autores tunisinos ou marroquinos conseguiram ser editados em França, salientemos como excepções o tunisino Albert Memmi e no caso de Marrocos Tahar Ben Jelloun.

Esta literatura escrita em língua francesa, nos países do Magrebe, é realizada num contexto nacional por autores que afirmam a sua identidade e pertença respectiva ao seu país. Apesar dos elos que as unem, como cada país conheceu uma história diferente, sobretudo sob a colonização, é pertinente uma distinção geográfica. Esta literatura tem em comum o facto da sua proveniência ser o Magrebe, possui portanto um certo imaginário específico ao norte de África com as suas tradições orais, árabes e berberes. Mas talvez fosse mais pertinente falarmos de literaturas no plural pois além do local de nascimento de cada autor (em países diferentes), inclui também os escritos de franceses nativos do norte de África como Albert Camus, os de viajantes franceses ou outros, e até aqueles produzidos por jovens nascidos em França mas de ascendência magrebina.

Apenas nos debruçaremos sobre a literatura francófona do Magrebe produzida por escritores do Magrebe. Esta cobre basicamente três períodos, os quais são permeáveis, pois os autores mais velhos viveram-nos a todos: um primeiro período é constituído por textos que tinham como objectivo um público francês para o sensibilizar para a causa da independência do Magrebe. Foi uma literatura produzida nas vésperas dos combates independentistas e que consta actualmente dos programas escolares do Magrebe sendo quase considerados como textos «clássicos». Essa literatura resistiu ao processo de arabização dos três Estados do Magrebe que se seguiu à independência e tem tanto um público francês como no próprio Magrebe. Alguns dos autores desse período estudaram em França, regressando depois ao país natal até à luta pela independência, salientem-se os nomes de Driss Chraïbi, no caso de Marrocos, e Malek Haddad ou Assia Djebar, no caso da Argélia.

Um segundo período caracteriza a literatura produzida durante as lutas nacionais pela independência, essencialmente na Argélia, e em que os escritores oscilam relativamente à atitude a ser adoptada perante a língua francesa. Com efeito, não nos podemos esquecer que a questão da língua escolhida como meio de expressão é sempre vista como um sinal de sofrimento, devido a uma aculturação forçada por parte do colonizador. As literaturas francófonas nascem sempre, aliás, em situações de contacto e desequilíbrio cultural. Assim, enquanto alguns escritores se servem da língua do colonizador para reivindicar a sua independência, outros são forçados ao exílio (caso de Malek Haddad) e outros ainda optam pelo silêncio.

As literaturas francófonas tiveram sempre que lutar pela sua afirmação perante a hegemonia cultural francesa. Com efeito, para a maioria dos escritores francófonos do Magrebe, o francês não é a sua língua materna e os seus textos têm presente a(s) outras línguas ou dialectos do país em que são produzidas, assim como uma tensão natural entre a língua exógena que adoptaram para se exprimirem e a(s) outras línguas do seu país.

Um terceiro e último período é constituído pela época pós-colonial em que os escritores, tanto os jovens como os mais antigos, manifestam frequentemente a sua revolta e decepção relativamente ao estado dos seus países: problemas económicos, a ausência de democracia, a corrupção generalizada e dão uma visão do Islão como religião pouco adaptada às evoluções da sociedade contemporânea. Daí vários autores escolherem o caminho do exílio como o marroquino Tahar Ben Jelloun residente em Paris, ou Rachid Boujedra que durante

algum tempo partilhou a sua vida entre Paris e Argel, acabando por se fixar no seu país de origem.

De salientar que os autores magrebinos, que escolheram exprimir-se em francês, nem sempre têm uma convivência pacífica com essa língua exógena: o francês é a língua da revolta, da alienação, da abertura ao Outro e paradoxalmente é também a língua em que proclamam o amor e a ternura pela sua língua materna (seja ela o árabe ou o berbere). Por exemplo, o argelino Mouloud Feraoun usa o francês para dar a conhecer a poesia berbere. Outros seus compatriotas como Kateb Yacine e, mais recentemente, Rachid Boujedra mudam de língua no seu percurso literário. Inicialmente usaram o francês como língua de vocação mais universal, posteriormente retomaram o árabe como língua da sua produção literária, talvez num retorno à sua identidade magrebina.

### **Distinção histórico-geográfica**

A ARGÉLIA tem como língua oficial o árabe mas outras línguas são igualmente faladas, como o berbere e o francês. O berbere é a língua materna de 25 a 35% da população (num total de 33 milhões de habitantes) e foi reconhecido como língua nacional mas «não oficial» desde 2002, aquando da revisão constitucional. A Argélia, enquanto colónia francesa, sofreu uma guerra de independência — obtida em 1962 com os acordos de Evian — a francização do ensino e o conseqüente desmantelamento do ensino em árabe. Após a independência, o Estado argelino e igualmente o marroquino optaram por uma política de arabização linguística sob o pretexto de regresso à cultura pré-colonial. Essa política pode parecer paradoxal uma vez que o árabe é apenas uma língua de colonização mais antiga desses países, já que os berberes eram os habitantes originais. É a partir de 1980 que a questão da oficialização do berbere se coloca de modo mais premente e aberto.

Durante o período colonial, segundo o modelo de Albert Camus, autor francês inspirado pela sua vivência no Magrebe, e de outros escritores da denominada «Escola de Argel» que reunia jovens talentos, vários escritores de cultura berbero-árabe tentaram exprimir-se em francês, língua da qual receberam uma sólida formação escolar. Com efeito, enquanto colonizados foram afastados do árabe clássico, sendo o francês a língua com prestígio e o único meio de promoção social. Além disso, tendo em conta as elevadas taxas de analfabetismo do Magrebe (cerca de 90% em 1960) os escritores viam-se privados do seu

público leitor natural e a única alternativa consistia em escreverem para os europeus, aos quais procuraram mostrar as realidades e problemas argelinos. Por vezes, isso cria algumas animosidades por parte dos seus compatriotas escritores que vêem aí um sinal de submissão ao colonizador.

Devemos ter bem presente o drama linguístico do colonizado: movimentar-se entre duas línguas que não possuem o mesmo estatuto (sendo a língua materna do colonizado a menos valorizada) e que dão acesso a dois universos em conflito: o do colonizador e o do colonizado. Frequentemente temos o elogio da língua materna (árabe ou berbere) a par da justificação do uso da língua francesa. Para os argelinos Assia Djebar e Malek Haddad, o francês é uma língua que simboliza claramente o exílio. Assia refere explicitamente o francês como uma língua madrasta no seu romance de 1985, *L'Amour, la Fantasia*: «Le français m'est langue marâtre». Nesse romance ambicioso, em que se entrelaçam elementos autobiográficos, o grito feminino que procura dar a sua voz e fragmentos da história argelina, a narradora toma consciência do facto da sua expressão sofrer por ter perdido a língua materna e de se sentir como forçada na língua que adoptou — o francês. Como refere Joubert<sup>1</sup>: «Sa relation au français conjugue amour et fantasia, fascination amoureuse et sursaut de révolte.» Já os heróis dos romances de Haddad, (*L'élève et la leçon* de 1960 ou *Le Quais aux fleurs ne répond plus* de 1961) prisioneiros do exílio, se interrogam sobre a sua bastardia cultural.

Igualmente os seus compatriotas Rachid Boudjedra e Kateb Yacine que escreviam inicialmente em francês fizeram um percurso de regresso ao árabe como língua das suas obras literárias: Yacine, após vários anos de exílio e aquando do seu regresso à Argélia, escreve os seus textos dramáticos em árabe dialectal; já Boudjedra inseria, algo agressivamente, inúmeras citações em árabe nos seus textos redigidos em francês, até escolher exclusivamente o árabe como língua de expressão literária. Boudjedra refere explicitamente este problema do escritor bilingue considerando que expressa em ambas as línguas os mesmos conteúdos, que as suas opiniões, paixões ou ódios se mantêm inalteráveis.

Em todos estes autores é evidente uma escrita cuidada, o desejo de mostrar a sociedade tradicional argelina mas também um certo mal-estar devido à colonização, sendo a temática da guerra recorrente, sobretudo em romances como *Je t'offrirai une gazelle* de Malek Haddad ou *Nedjma* (publicado em 1956) de Kateb Yacine. Este romance mostra-se como uma tentativa de reconstituição da identidade argelina após a tentativa fracassada do movimento

---

<sup>1</sup> J.-L. Joubert, *Les littératures francophones depuis 1945*, Paris, Bordas, 1986, (p.200).

de 1945, uma súmula romanesca com influências de grandes inovadores do século XX tais como: Dos Passos, Joyce ou Faulkner.

O escritor, professor, tradutor e jornalista Mohamed Dib vive esta problemática linguística de modo diferente. Devido ao seu militantismo  forçado a sair da Argélia instalando-se em França, no final dos anos 50, aí começando uma obra multiforme: poesia, novela, romance, teatro e contos infantis, sempre redigidos e publicados em francês. Como ele próprio afirmou em 1998, na obra *L'Arbre  dires*, o francês  a sua língua adoptiva, tendo-se descoberto a si mesmo através dela, como uma lenta marcha, cada livro constituindo mais um passo nesse percurso de busca identitária. De salientar que foi o primeiro escritor magrebino a ser laureado com o Grande Prmio da Francofonia atribuído pela Academia Francesa, em 1994.

Com a independência, verifica-se a arabização do ensino sem que o francês seja rejeitado e passa-se talvez a uma relação de interacção cultural mais paritária, para a qual contribui igualmente o reconhecimento do berbere enquanto língua nacional. Com efeito, tornava-se premente recuperar a identidade nacional ameaçada pela colonização mas sem rejeitar o francês que constituía uma abertura ao mundo.

Com a escolarização mais generalizada, passa a haver público tanto para o rabe clássico como para o francês. Mas o peso da censura e a intolerância religiosa não incentivam os autores argelinos a publicar no seu país. No entanto, com a independência a literatura de língua francesa continua com vigor, tanto entre a maioria dos autores já consagrados que continuam a publicar, como por meio de novas vozes que se anunciam, tais como: Tahar Djaout, Leila Sebbar, Leila Marouane ou Nina Bouraoui. Nos anos 80 a literatura argelina em língua francesa mostra um olhar desencantado sobre o seu país, assim como sobre a experiência de emigração para a Europa.

Na TUNÍSIA o berbere  falado essencialmente no sul do país. Neste país, tal como em Marrocos, existe uma rica literatura rabe pois o seu sistema de ensino não foi desmantelado. Com efeito, estes dois países eram protectorados franceses, tendo obtido ambos a independência em 1956, e da a literatura francesa só se ter desenvolvido plenamente na época pós-colonial, nos anos 70. A prosperidade da literatura em rabe, nos períodos pré e ps-independência, tornou algo marginal a literatura de língua francesa na Tunísia.

Durante o protectorado, paralelamente ao ensino em francês, continuava a existir o ensino da língua rabe. Daí a literatura rabe se ter mantido, renovado e até modernizado. Os raros escritores tunisinos, que escolhiam o francês como

língua de expressão, mostravam assim um distanciamento em relação aos seus compatriotas. No final dos anos sessenta, a literatura francófona adquire uma nova pujança. Depois da independência, ideologicamente um escritor não se sente tão marcado por escolher o francês para as suas obras, além de que existe público para essa literatura devido ao bilinguismo do país.

Tal como nos outros países do Magrebe, a poesia é o género literário mais praticado, o que tem a ver com uma tradição secular. Na Tunísia, Albert Memmi é praticamente a única referência para a literatura francófona em geral, e para o romance em particular. Pertencente à comunidade judaica tunisina, este escritor e jornalista foi membro activo na luta pela independência do Magrebe, aproximando-se das preocupações e temáticas dos romancistas argelinos e marroquinos da sua geração. A busca dolorosa de uma identidade e a revolta relativamente a qualquer forma de opressão constituem as temáticas recorrentes na sua obra.

Na obra *La Statue de sel* de 1953, está bem presente no itinerário do herói — um duplo do autor — o problema do desenraizamento e da aculturação. Este sofre devido à escolha dos seus nomes que trazem a marca do ocidente (Alexandre), da tradição judaica (Mordekhaï) e de um regionalismo berbero-árabe (Benillouche). Já com o romance *Agar* de 1955, o autor aborda os problemas do casamento misto entre um tunisino e uma francesa.

A partir dos anos 70 outros nomes vêm enriquecer o panorama da literatura francófona na Tunísia: Mustapha Tlili, Abdelwahab Meddeb, Souad Guellouz e Hélé Béji. Apesar de temáticas e estilos diferenciados, um aspecto aproxima estes escritores: o desencanto explícito ou implícito relativamente ao presente, o qual enforma os seus romances. O grande interesse desta literatura consiste no seu diálogo entre oriente e ocidente e na busca do equilíbrio entre tradição e modernidade.

Em MARROCOS, a população autóctone era berbere com uma permanência de cerca de 5 mil anos no território, daí que 40 a 65% (num total de 30 milhões de pessoas) dos habitantes sejam locutores berberófonos. Actualmente, o berbere é língua de ensino ao lado do árabe, pelo menos no ensino primário, depois de uma decisão do rei Hassan II em 1994. Associações culturais florescem e fala-se mesmo de um renascimento berbere. Desde 1994 que a televisão estatal apresenta o telejornal também nas três variantes de berbere existentes no país. A rádio já o fazia muito antes. Persistem, no entanto, as divergências quanto ao estatuto do berbere: a Convenção de Agadir reclama que seja reconhecido como língua nacional, outras facções reivindicam o estatuto

de língua oficial como o árabe. Actualmente, a tendência do estado marroquino parece ser a de considerar e manter o árabe como a primeira língua do país e a única oficial, de acordo com a constituição, pois o árabe é um factor de unificação. No entanto, pretende salvaguardar o património cultural e linguístico berbere.

Essencialmente, com o fim do protectorado, os escritores interrogam-se sobre o estatuto e a utilização do francês. Neste país, tal como na Argélia, o peso da censura faz-se sentir nas publicações em árabe mas também não esquece os textos publicados nas pequenas editoras locais em língua francesa.

Marrocos, tal como a Tunísia, enquanto protectorado francês não teve o seu sistema de ensino em árabe desmantelado mas o francês e a literatura francófona adquiriram uma grande importância, sobretudo a partir de 1966, com a criação da revista *Souffles*. Publicada em francês mas igualmente com textos em árabe, o questionamento linguístico por parte de vários intelectuais adquiriu uma grande importância na mesma. É sintomático que no final da sua existência a designação dessa revista mude para *Anfâs*, dado o peso que progressivamente o árabe obteve na mesma.

Nessa revista houve um importante trabalho sobre a matéria literária, mostrando que as fronteiras entre o romance e a poesia não são estanques, pois na literatura árabe clássica a poesia é um dos géneros nobres, sendo o romance um fenómeno mais recente. Essencial foi também o trabalho ideológico empreendido por essa revista em que se procurava desmantelar a velha sociedade tradicional. Um exemplo é a obra de Driss Chraïbi, *Le passé simple*, em que se conta a revolta do filho contra o pai e que chegou a provocar não só a indignação como até ameaças de morte contra o autor.

Façamos uma breve incursão ao universo de *Souffles*, revista trimestral, publicada entre 1966 e 1972, data da sua proibição. É efectivamente uma revista cultural mas que assume claras posições ideológicas. Fundada pelo escritor Abdellatif Laâbi, tornou-se um foco de criação marroquina a nível literário-artístico em geral, transformando-se rapidamente num órgão de expressão e reivindicação em todo o Magrebe, já que as novas gerações argelina e tunisina também aí escreviam. Foi uma publicação aberta às culturas de outros países do Terceiro Mundo, como o mundo árabe em geral, a África, ou as Antilhas.

Nesta revista o questionamento linguístico é recorrente. Por exemplo, o seu fundador A. Laâbi<sup>2</sup> refere que predomina uma coexistência linguística não pacífica quando os intelectuais marroquinos e magrebinos em geral assumem o

---

<sup>2</sup> A. Laâbi, «Réalités et dilemmes de la culture nationale». *Souffles*, n°10/11 – 2° e 3° trimestres de 1968, (pp.35-38). <http://www.seattleu.edu/souffles/>

francês como língua de expressão. Para o autor, o fundo cultural e ideológico é nacional, árabe ao passo que o instrumento linguístico utilizado (a língua francesa) transporta com ele uma cultura e ideologia próprias da realidade francesa e ocidental. Laâbi preconiza ainda um processo de neutralização dos elementos considerados negativos dessa língua exógena, tanto do ponto de vista terminológico como dos modelos culturais que a mesma veicula e, por outro lado, pressupõe que se devem fazer entrar no francês outros modelos e terminologias próprios ao Magrebe. Assim se chegando a uma operação final de «transculturação» em que se exprima a identidade do povo mas sem que o objectivo final seja uma síntese de culturas. Daí esta literatura magrebina de expressão francesa quebrar frequentemente as regras da língua francesa, a nível sintáctico, fonético, morfológico, ou gráfico, entre outros.

Laâbi refere ainda a necessidade de se ultrapassar o bilinguismo para que possa haver uma libertação total do projecto colonial. No entanto, admite que na fase de descolonização a língua francesa poderá ser útil e ter um efeito positivo, pois pode ajudar a conhecer o combate no exterior. Assim, segundo este escritor, tradutor e homem de teatro, a literatura magrebina de expressão francesa deve situar-se nesse contexto específico.

Um outro intelectual, Hassan Benaddi<sup>3</sup> refere-se à Francofonia considerando que a mesma é apenas uma máscara da exploração neo-colonialista. Daí a sua rejeição da Francofonia em nome de uma unidade cultural sendo a única via possível a promoção do árabe como língua nacional.

Esta exemplificação de intelectuais que se insurgem contra a utilização do francês poderia estender-se a outros nomes, mas o que interessa reter é que paradoxalmente foi após a descolonização que essa literatura francófona entrou no seu período de florescimento quando se pensava na sua morte próxima, como já tivemos a ocasião de mencionar.

\*\*\*

Em todas estas literaturas a temática da emigração na Europa é uma constante, tanto nos escritores mais antigos, que se expressam em língua francesa mas se sentiam como pertencentes ao Magrebe, apesar de estarem no exílio ou como imigrantes em França, como para os mais novos. Há uma nova geração de escritores de língua francesa nascidos na Europa, oriundos de famílias de imigrantes provenientes de um dos países do Magrebe, são os denominados

---

<sup>3</sup> H. Benaddi, «Francophonie et néocolonialisme», *Souffles*, nº10/11 – 2º e 3º trimestres de 1968, (pp.23-25). <http://www.seattleu.edu/souffles/>

«beurs» em francês e que se sentem como A.N.I (Arabes Não Identificados) não sabendo bem quem são. Estes jovens, Leïla Sebbar, Nacer Kettane, Mehdi Charef ou Aïcha Benaïssa entre outros, nas suas obras revelam uma visão lúcida e algo desencantada do que os rodeia, evidenciam as tensões entre as culturas ocidental e árabe, entre o universo familiar e o mundo exterior, vividas de modo mais dramático na vertente feminina. Esses autores são geralmente de origem argelina. As suas narrativas, de pendor autobiográfico, caracterizam-se por empréstimos ao calão, ao «verlan» — essa língua «ao contrário» inicialmente usada pelos marginais — e mostram ser herdeiros da literatura popular.

Em suma, podemos considerar que neste universo complexo de coexistência linguística e cultural, nem sempre pacífica nos países do Magrebe, o árabe continua a desempenhar a sua função de língua que transmite os valores da tradição, da religião e do Estado em geral; o berbere revela uma identidade ancestral e profunda de grande parte das populações, e adquire actualmente um novo estatuto e pujança; por seu lado, o francês, enquanto língua estrangeira privilegiada, permite um olhar distanciado e mais objectivo perante a própria identidade cultural e poderá simbolizar uma maior abertura ao mundo exterior e à modernidade.

Entre 1945 e 1985, segundo Joubert<sup>4</sup> a paisagem literária francesa modificou-se consideravelmente. Em 1945 existe uma literatura francesa (no singular) com ramificações nos países vizinhos como a Bélgica ou a Suíça e um prolongamento além atlântico no Quebeque. Mas a partir de 1985 a diversidade de literaturas impõe-se em diversas partes do mundo. Além disso não nos podemos esquecer que a dispersão geográfica de qualquer língua provoca necessariamente variações linguísticas.

A própria França compreendeu a importância e o alcance da Francofonia como forma de resistir a outros modelos culturais e linguísticos que pretendem ser universais. No entanto verifica-se um certo desequilíbrio na Francofonia: a França é o país culturalmente hegemónico e os outros têm que lutar para se impor. É no decorrer dos anos 70-80 que certas problemáticas sociais da modernidade como a polifonia e a descentralização vão favorecer o reconhecimento, por parte dos franceses, das culturas e literaturas francófonas com as suas diferenças e particularidades. Com efeito, constrói-se um espaço literário francófono e não francês porque os textos são escritos, editados e lidos fora dos circuitos franceses. Essa literatura francófona adquire o seu pleno

---

<sup>4</sup> J.-L. Joubert, *Les littératures francophones depuis 1945*, Paris, Bordas, 1986, (introdução).

significado no contexto em que foi criada, pois refere as especificidades, os problemas e os valores da comunidade em que foi produzida.

Igualmente para o leitor, os textos de literatura francófona podem constituir uma revelação e conduzem-no a uma necessária descentração. São textos ricos de sentido e, por natureza, polifônicos. Com efeito, são frequentemente escritos para dois públicos (o francês e o do país francófono), partilham duas ou mais culturas, por vezes em estado de tensão ou conflito subjacente.

Não nos podemos esquecer que os escritores dos países do Magrebe em geral, ao usarem o francês apropriaram-se dessa língua e aí depuseram o germe da sua invenção literária. Assim, essa literatura francófona apresenta-se como uma espécie de confronto físico e sensual com a língua proveniente do colonizador, surge então um francês incessantemente renovado e reinventado, manipulado e cruzado com outras influências linguístico-culturais. Além disso, na literatura do Magrebe, dada a importância secular da poesia, verifica-se uma osmose entre este género e o romance. Aliás o romance nesta literatura surge como se reinventado, sendo o resultado do confronto entre o antigo e o moderno, o tradicional e o novo, a expressão de identidades problemáticas ou problematizadas em sociedades em mutação.

### **Bibliografia**

- Achour (Christiane), *Anthologie de la littérature algérienne de langue française*, Paris, ENAP-Bordas, 1990.
- Chraïbi (Driss), *Le passé simple*, Paris, Denoël, 1954.
- Harlay (Alain), *Histoire de France : de la préhistoire à nos jours*, Milão, La Spiga Languages, 1995.
- Joubert (Jean-Louis), *Les littératures francophones depuis 1945*, Paris, Bordas, 1986.
- Memmi (Albert), *Ecrivains francophones du Maghreb*, Paris, Seghers, 1985.
- Memmi (Albert), *Agar*, Paris, Gallimard, 1984.
- Memmi (Albert), *La statue de sel*, Paris, Gallimard, 1984.
- Rioux (Jean-Pierre), Sirinelli (Jean-François), *Histoire Culturelle de la France*, Seuil (4 vols.).
- Souffles*, (dir. A. Laâbi), <http://clicnet.swarthmore.edu/souffles/sommaire.html> (nº1-6) e <http://www.seattleu.edu/souffles/> (nº7-22).